

# humanitas

**Vol. XVII–XVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*J. M. L.*

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA  
MCMLXV · LXVI



Platão, A República. Livros I, II e III. Tradução de Luís do Espírito Santo. Guimarães Editores, Lisboa s.d. [1965], 188 pp..

Continuam a aparecer traduções portuguesas do grego, que nos deixam dúvidas sobre o conhecimento desta língua, por parte dos seus autores. Está nesse caso a que Guimarães Editores, de Lisboa, publicaram, assinada por Luís do Espírito Santo.

Desde o cenário ao diálogo, as supressões que o tradutor operou no texto mostram o seu alheamento do original e empobrecem bastante esta versão da *República*.

Limitar-me-ei a comentar dois ou três passos do início. Logo de entrada, em 327b, traz a edição da Casa Guimarães:

«O escravo chegou junto de nós e, puxando-me pelo manto, disse:

— Sócrates! Polemarco pede-vos que o esperéis.

Perguntei-lhe onde estava o seu amo.»

Esta versão omite *όπισθεν* que se liga a *λαβόμενος* «puxando-me (o manto) por detrás». Tal situação leva no texto grego Polemarco a dizer, mais adiante: «E eu voltei-me e perguntei onde é que ele estava». O tradutor omitiu *Kal εγώ μετεστράφην* («E eu voltei-me»), estragando a naturalidade da cena.

Desnecessárias faltas de respeito pelo original revelam o tradutor que se não preocupa com o texto grego. Por exemplo, em 328a : *Αφ' ἵππων; ἦν δ' ἐγώ* «A cavalo ? — disse eu» (Sócrates). Na versão criticada: «A cavalo, disseste?...».

Mais adiante, no encontro em casa de Céfalo, este não estava sentado numa «espécie de poltrona», como diz o tradutor, que decerto não consultou o texto grego. Se tivesse ido ao original, teria lá encontrado *επί τίνος προσκεφαλαίου τε και δίφρον* «sobre uma almofada, numa cadeira». O assento é igual aos outros, excepto na almofada, pois todos são designados pela mesma palavra: *δίφρος*. Talvez uma versão como a de Chambry (Belles-Lettres), «siège garni d'un coussin», tenha iludido o tradutor. E do francês deve ter vindo também aquele «Clitofone», em francês «Clitophon», em vez de «Clitofonte», personagem mencionada entre os presentes.

No mesmo passo, o texto grego é *Ενθνος οὖν με ἰδὼν ο Κέφαλος ἠσπάζετό τε και εἶπεν* — «Ao vet-me, Céfalo saudou-me e disse». O tradutor transforma «me» em «nos», falseando o texto.

Falando dos bens que herdou e comparando-os aos que tenciona deixar aos filhos, Céfalo diz: *ἐγὼ δὲ αγαπῶ εἴν μη ελάττω καταλίπω τοντοισιν, ἀλλὰ βραχεί γέ τινι πλείω η παρέλαβον* — «Quanto a mim, fico satisfeito, se não deixar diminuída a fortuna a estes aqui presentes, mas um pouco maior do que a recebi». (330c).

A versão portuguesa, feita em estilo «utilitário», elimina uma parte das considerações do ancião Céfalo e traduz: «Portanto, dar-me-ei por feliz, se meus filhos vierem a receber um pouco mais do que aquilo que herdei». Isto é, ficam por traduzir as palavras: *εἴν μη ελάττω καταλίπω*.

Logo a seguir, em 330c, a comparação que vai de *ὡσπερ γάρ οἱ ποιηταί* até *ἢ περ οἱ ἄλλοι* é fundida com o período anterior numa frase comprimida e apressada que contrasta com o tom calmo e prazenteiro do original, o tom duma conversa entre amigos, na Atenas do século v a.C..

As expressões duplas tão características da prosa grega, que se compraz em dizer como a coisa é e não é, são sistematicamente eliminadas e reduzidas ao estilo telegráfico e utilitário de urna conversa entre homens afadigados do nosso tempo. Esta falta de apreensão da cor original leva-me a pensar que o autor da versão editada por Guimarães & C.<sup>a</sup> não bebeu *ἀπο κρήνης*, na fonte grega, no próprio texto de Platão, mas alhures.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Ricardo Avalone, Mecenate. *Libreria Scientifica Editrice, Napoli,*  
s.d., 336 pp..

Estudo do homem e da sua obra literária, feito à maneira de biografia digressiva e parafrástica, em torno dos testemunhos fundamentais recebidos da Antiguidade.

O amigo e colaborador do *princeps* teve a pouca sorte de se tornar, aos olhos de Séneca, um símbolo do epicurismo romano. E nos comentários do moralista, com a sua posição preconcebida de estóico, feitos em ar retórico de diatribe, está uma das fontes principais, diversas vezes aduzida e criticada, do interessante trabalho do Professor Avalone.

Os fragmentos de prosa e verso de Mecenas são também cuidadosamente analisados, nesta apresentação que dele faz o Autor «sotto il nuovo profilo di epicureo e romântico» (p. 111).

O homem cujo nome próprio se tornou o substantivo comum com que nas línguas de civilização se designa o protector cultural e a sua acção (*mecenas, mecena-tismo*) é aqui objecto de um livro que se lê com interesse e cujas ideias mestras acabam por ficar gravadas no espírito do leitor, à força de repetidas.

A. C. R.

Giovanni Pico della Mirandola, *Carmina Latina entdeckt und heraus-  
gegeben von Wolfgang Speyer. E. J. Brill, Leiden, 1964, 60 pp..*

Entre as publicações com que foi celebrado, em todo o mundo culto, o quinto centenário do nascimento de Giovanni Pico della Mirandola (nascido a 24-2-1463), urna das mais interessantes foi esta da primeira edição dos *Carmina Latina* do próprio humanista italiano.